



Os espíritas, quantos são?

A comunidade espírita brasileira aceitou passivamente os dados do último censo. Segundo o IBGE, o número de espíritas praticantes no Brasil. Foi o que demonstrou a medição. Para se saber quem é espírita, pergunta-se qual é a religião do entrevistado. Sob este contestar: os dados do famoso instituto estão certos. Numericamente, não éramos muito expressivos; continuamos não sendo.

Fica no ar um certo desapontamento. Numa população de cerca de 170 milhões de pessoas, somos pouco mais de um por cento ou algo em torno de três milhões de espíritas declarados. Deveríamos ser mais. Gostaríamos de ser mais. Pensamos história de conquista de espaço. E de fato temos. Desde Travassos, ouvimos que o Espiritismo do século XIX aos nossos dias é digna de admiração, fornecendo um cenário admirável de pujança. Não um cenário qualquer, mas algo grandioso que quantidade. Temos na mente uma sensação quantitativa muito expressiva. Porém, os números do IBGE são implacáveis.

Surgem alguns consolos. Por exemplo, a idéia da qualidade versus quantidade. Amparados em Kardec, reafirmamos sem numérico não é um objetivo da doutrina; devemos lutar pela qualidade. Ninguém, em sã consciência, ficará contra esta idéia: mais importante que a quantidade. Mas isso não retira um certo desapontamento quando os números nos colocam em posição tradicional e aos diversos ramos evangélicos. Até mesmo os ateus declarados formam um contingente maior que o nosso.

Ah a frieza dos números... Mas o que eles escondem? O que não dá para ver se botamos nossos olhos apenas no valor importante, digno de reflexão. Por exemplo, a realidade do cotidiano espírita. Sim, é preciso considerar diversos aspectos que influem em qualquer pesquisa desse gênero e com essas características. Vou dar um exemplo: outro dia, durante o intervalo na Globo, a jogadora de vôlei de praia Sandra foi mostrada lendo um livro de André Luiz e Chico Xavier. Seu nome: Nosso Lar. Na Globo sabe que ultimamente a emissora vem dedicando um espaço à promoção do hábito de leitura, colocando no ar indic de diversas modalidades esportivas. Pois é, apareceu a Sandra, campeã olímpica, com o mais lido livro psicografado de todos os tempos. Ela sabia que ela gostava de leituras espíritas? Pois a Sandra integra um grupo de simpatizantes da doutrina que, se perguntado dirão que não têm. E outros, ainda hoje, responderão que sua religião é a católica.

Ninguém se espante com essa constatação. Há simpatizantes espíritas que simplesmente gostam das nossas teses fundamentais. Outros admiram o fato de poderem se encontrar com pessoas queridas que já partiram. Muitos se encantam com as novelas fatos espíritas: pessoas que aparecem a outras, o retorno ao convívio com os vivos; previsões, reencarnações. Pois é, grand parte continua freqüentando suas religiões e se declarando adeptos delas quando procurados pelo IBGE.

Some-se a elas aqueles que não consideram religião o Espiritismo. Mas que são espíritas, como se diz, de corpo e alma. Todos os que qual é a sua religião, dirão que não têm. Simplesmente. Mas aceitam os princípios fundamentais como a reencarnação, a vida dos mortos, a existência de Deus entre outros. E lutam pela divulgação do Espiritismo, acreditando na sua força para modificar a sociedade.

Há, também, muitos que jamais diriam que são espíritas. Trata-se de uma contaminação do preconceito. Explico: eles freqüentam centros, tomam passe, ouvem palestras, mas não podem aparecer como espíritas perante a sociedade. Quando não se incluem no tipo que gostam dos temas inspirados no Espiritismo, mas não fizeram uma adesão formal à doutrina nem pretendem fazê-lo.

A propósito, alguém sabe quantos espíritas estão entre aqueles milhões de brasileiros que deram à novela A Viagem a Terra? Pois é, se 50 por cento dos telespectadores dissessem ao IBGE que eram espíritas seríamos hoje, provavelmente, o maior país do mundo.

A busca frenética pelos números, essa obsessão norte-americana, nos faz às vezes deixar de lado o aspecto qualitativo, e refletimos sobre o contexto e as realidades que eles, os números, não revelam. Quando milhões de pessoas consomem livros colocando-os nos primeiros lugares das listas por várias semanas, elas conferem um valor ao Espiritismo que ninguém pode de

Isto é um consolo? Uma leitura equivocada dos fatos? Pode ser. Mas é preciso ser bastante ingênuo para acreditar que o Espiritismo na sociedade deve ser analisado a partir da quantidade de adeptos revelada pelo IBGE. Aquilo que não é mensurável, que não pode ser apresentado em caracteres alfanuméricos tem um peso muito significativo no quadro geral das coisas que é um peso maior, imensamente maior do que os próprios números. E porque essa questão de dizer qual é sua religião é enorme, tem implicações históricas e conseqüências culturais diretas na vida dos indivíduos, a valorização da qualidade é importante para o Espiritismo. Fornecer conteúdos vale mais do que contar adeptos. Muito mais!

E-mail:

